SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – 07

REGIMES E ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS

ENTENDENDO O FEMINISMO ISLÂMICO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE OS DESAFIOS QUE OBSTAM ESTE MOVIMENTO POLÍTICO-RELIGIOSO TRANSNACIONAL

Bianca Regina Poltronieri

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

bianca.poltronieri@unesp.br

Resumo: A pesquisa objetiva mapear os desafios do feminismo islâmico – movimento político-religioso transnacional que busca legitimar a experiência religiosa das mulheres muçulmanas na luta pela igualdade de gênero por meio do rompimento dos binários de religioso/secular e Oriente/Ocidente. A partir do levantamento bibliográfico de obras fundamentais à promoção dos debates acerca do conceito de feminismo islâmico, examina-se, assim, a origem teórica do movimento e os principais obstáculos enfrentados.

Palavras-chave: Feminismos; Islamismo; Religião; Gênero; Secularismo.

Abstract: The research aims to map the challenges of Islamic feminism – a transnational political-religious movement that seeks to legitimize the religious experience of Muslim women in the struggle for gender equality by breaking the binaries of religious/secular and East/West. From the bibliographic survey of works that are fundamental to the promotion of debates about the conception of Islamic feminism, it is examined, thus, the theoretical origin of the movement and the main obstacles faced.

Keywords: Feminisms; Islamism; Religion; Gender; Secularism.

Introdução

Com uma visão crítica à consideração dos problemas de gênero pelo viés ocidental, esta pesquisa parte das inquietações irrompidas das diversas interpretações encontradas na discussão acerca do feminismo islâmico. Isto posto, esta introdução procura balizar o debate traçado por Margot Badran, historiadora com foco em Oriente Médio moderno, gênero e mulheres, e uma das primeiras estudiosas a nomear esse novo discurso e prática de "feminismo islâmico".

Analisar a origem teórica do movimento e os seus desafios enfrentados, como a instrumentalização dos textos sagrados e a carga estrangeira e desvinculada da religião que o conceito de feminismo, equivocadamente, carrega, implica compreender o contexto em que os termos de "religioso" e "secular" são historicizados, bem como as divergências e similaridades que abarcam a interação dos pensamentos dos feminismos seculares e do feminismo islâmico. Logo, abordar os tensionamentos gerados pelas discussões sobre a articulação entre religião e feminismos é trazer holofotes aos debates referentes às questões das mulheres como problemáticas que envolvem não só relações de gênero, mas também hegemonia sexual e poder (BADRAN, 2009, p. 46). Nessa toada, ainda que os feminismos seculares e o feminismo islâmico compartilhem um terreno comum de lutas e debates ideológicos, estes acabam pleiteando por concepções distintas de modo de vida, impondo ao feminismo islâmico, por conseguinte, intrincados obstáculos, quais sejam: rechaçar uma imagem estereotipada ocidental em relação ao Oriente Médio e, assim, legitimar a experiência religiosa islâmica das mulheres muçulmanas, não como uma forma de opressão, mas, sim, como parte da narrativa de suas próprias histórias.

Na contenda destas questões levantadas, a presente pesquisa busca, com efeito, mapear e examinar os principais desafios que permeiam o feminismo islâmico. De forma mais específica, primeiro, investigar-se-à como surgiram as formulações teóricas do feminismo islâmico, para que, finalmente, se possa perscrutar os principais problemas que obstam essa teoria. Assim sendo, visa-se, primordialmente, sedimentar maior terreno para o plano teórico das acepções que constituem esse discurso e prática, de forma a constatar quais as implicações na denominação do feminismo islâmico, o que, por certo, já configura um de seus elementares obstáculos.

Para tanto, a metodologia consiste na pesquisa e revisão bibliográficas de materiais teóricos que promovem um debate sobre a definição e grau de aquiescência dos sujeitos envolvidos (em grande parte, as mulheres muçulmanas) com relação à terminologia feminista islâmica. Em vista das diversas interpretações encontradas na discussão acerca do feminismo islâmico, a autora escolhida para balizar as reflexões será Margot Badran. Tratando de forma histórica e geográfica o movimento do feminismo islâmico, a obra que fundamenta as elucubrações traçadas é *Feminism in Islam: Secular and Religious Convergences* (2009), além de tantos outros artigos produzidos por Badran e trabalhos de outras autoras que dialogam com a historiadora. Ademais, uma vez que buscar por uma definição deste discurso e prática prevê distingui-lo e assemelhá-lo ao feminismo secular, há de se salientar que o escopo de estudo do objeto, isto é, o feminismo islâmico, precede uma análise por método comparativo.

A partir do mapeamento e da análise das principais dificuldades enfrentadas pelo movimento, depreende-se que este possua um alcance muito mais amplo no que diz respeito à igualdade de gênero, dado que, ao invés de determinar uma divisão público-privado, como determinado pelos feminismos seculares, o feminismo islâmico procura transformar as percepções acerca do Islã por meio do realinhamento entre ele e a mensagem corânica de justiça social. O

que assinala a sua radicalidade, no sentido de não agir reformando as práticas e alegações patriarcais infiltradas nas leituras feitas do Islã, mas de transformar todas as pré-concepções que se há na exegese do Alcorão.

As articulações discursivas entre o secular e o feminismo islâmico

Fecundado no solo de diversos Estados-nações emergentes na Ásia e na África, no final do século XIX até a primeira metade do século XX, o feminismo secular teria surgido no entrecruzamento da luta anticolonial nacionalista com o declínio imperial e a construção de Estados independentes. O feminismo islâmico, em compensação, teve sua concepção marcada pelo movimento islamista em ascensão e pelo renascimento cultural em vários Estados seculares de maioria muçulmana. Sem qualquer demarcação Ocidente/Oriente que o circunscreva geograficamente, dado que surgiu na comunidade muçulmana (*umma*) global, o feminismo islâmico manifestou sua presença no final do século XX durante o fim do período pós-colonial.

Isto posto, de modo que o feminismo secular emerge em um contexto de justaposição dos discursos humanitários, nacionalistas seculares e modernistas islâmicos, o feminismo islâmico, em alternativa, desponta no cenário global como uma nova interpretação de gênero e Islã sob o método do *ijtihad*, isto é, sob a investigação intelectual independente dos textos religiosos. Nesse viés, a pedra de toque desse novo pensamento crítico não é a busca por uma reforma religiosa e social, mas, sim, por uma transformação dos pilares do corpo social, que rumine a prática de um Islã igualitário.

Outrossim, há de se destacar a diferença no tratamento da igualdade de gênero entre os dois paradigmas. Tendo em vista que as mulheres, que ainda eram feministas incipientes, não tinham acesso à educação e a uma base sólida de conhecimento que lhes permitissem adentrar e promover releituras sistemáticas

dos próprios textos religiosos, a compreensão modernista islâmica das feministas seculares as muniu para pleitear revisões dos códigos de *status* pessoal muçulmano e para reivindicar melhoria da prática de responsabilidades complementares na família. Tal compreensão modernista islâmica, contudo, ficou apenas restrita à implementação da igualdade de gênero na esfera pública com alguma complementaridade na esfera privada ou no domínio da família, o que diverge da tônica do feminismo islâmico, que, por meio do *ijtihad*, promove a igualdade de gênero ao longo de uma contínua fluidez entre a esfera pública e privada. Assim sendo, a principal argumentação do feminismo islâmico é a de que o modelo patriarcal da família não está em conformidade com os princípios corânicos de igualdade humana e de justiça de gênero.

É preciso, entretanto, ressaltar que os movimentos feministas seculares são diversos e surgiram em diferentes localidades, o que provê ao fenômeno a necessidade de seu entendimento como algo pluralizado. Dessa forma, o fato do fenômeno ter surgido dentro de uma estrutura nacional e não religiosa, não significa que ele não esteja imbuído de preceitos religiosos. Secular equivale, portanto, a nacional, e a origem na qual se é estabelecido assinala a designação do movimento, como se observa com os movimentos feministas egípcios, sírios, entre outros.

Por outro lado, se os feminismos seculares devem ser compreendidos de forma pluralizada para atestar as diversificações em sua constituição, Margot Badran concebe o feminismo islâmico no singular. Badran (2009) explica que a escolha pela retratação do feminismo islâmico como algo singular não consiste na ausência de divergências intelectuais dentro da estrutura ou na falta de distintas prioridades entre ativistas pertencentes a variados lugares. A retratação se dá, sobretudo, pela tentativa de concebê-lo como um projeto ijtihádico capaz de articular um modelo coeso de um Islã igualitário.

Esquadrinhar lado a lado o feminismo secular e o feminismo islâmico proporciona muito mais a constatação das confluências do que das divergências entre esses dois paradigmas. A intersecção desses dois feminismos reflete as múltiplas aplicações dos termos "religioso" e "secular" e como seus significados variam ao longo do tempo. Para além disso, por meio da análise da experiência efetiva, depreende-se como as mulheres muçulmanas, enquanto feministas islâmicas e feministas seculares, reproduzem variados discursos e possuem multifacetadas identidades, empenhando-se juntas a trabalhar para o alcance de objetivos compartilhados.

Visões estereotipadas na construção do feminismo

Compreender que a correnteza colonial perpassa o trânsito das experiências das mulheres muçulmanas, implica reconhecer que, quando muçulmanos reacionários sustentam uma versão opressiva patriarcal do Islã para controlar as mulheres, eles geralmente estão solidificando os estereótipos orientalistas. Por meio da reconstrução histórica, Badran (2020) atesta que as feministas muçulmanas criaram o seu próprio feminismo, que, por sua vez, estaria entrelaçado ao paradigma secular e religioso. Diferente do que se acredita, os feminismos inseridos nestes dois paradigmas não só não se constituem como entidades hermenêuticas, como também não atuam estritamente como quadros desconexos com designações distintas.

Com isso, afirmar que o feminismo tenha bases somente ocidentais, não apenas corrobora com uma falácia de que os muçulmanos são incapazes de produzir discursos feministas por serem doutrinados sob as intermediações exclusivamente patriarcais do Islã, como também perpetua estereótipos negativos sobre o feminismo e os muçulmanos. Edifica-se, assim, uma imagem dos homens muçulmanos enquanto exclusivos perpetradores da violência, o que sustenta os

subterfúgios de intervenção e de salvação das mulheres marrons de homens marrons por homens brancos (SPIVAK, 1988 apud ABU-LUGHOD, 2002).

Em vista disso, a construção monolítica das mulheres muçulmanas como um ser subjugado e refém de uma cultura patriarcal de dominação revela como uma série de recursos imagéticos, como o exotismo, o autoritarismo religioso e a misoginia operam, por vias culturais mobilizadas pelo Ocidente, de forma a desmoralizar a cultura muçulmana, impondo uma política colonial que se sustenta por uma pretensa necessidade de se proteger os valores ocidentais contra imaginárias ameaças do Oriente. Nesse sentido, as mulheres muçulmanas, como componentes de uma comunidade imaginada pelo Ocidente, tornam-se uma categoria sociológica homogênea em que perdem suas identidades e passam a ser caracterizadas por vulnerabilidades em comum (VIEIRA, 2018). Desse modo, é nessa direção que atesta-se a imprescindibilidade do feminismo islâmico na busca pela justiça social das mulheres muçulmanas, tendo em vista que este movimento se origina transcendendo e rompendo com os binários de Oriente e Ocidente e de religioso e secular.

Combalidos os preceitos fundados por esse jogo imagético baseado na subalternização das culturas orientais, há de se notar, ainda, que os obstáculos para a consecução da igualdade de gênero no Oriente Islâmico são reflexos de uma complexa relação de disputa entre a adesão aos movimentos anticoloniais e nacionalistas e a conformação a uma agenda secular e Ocidental – ainda que machista e injusta. Com isso, ao passo que as mulheres muçulmanas tornaram-se símbolos de autenticidade e vetores de um modo de vida religioso de acordo com as deliberações daqueles que compõem os círculos de poder nessas comunidades, qualquer dissidência de suas tradições seria interpretada como um ato de traição contra seu povo e suas raízes, o que expõe outro desafio a ser enfrentado pelo feminismo islâmico: o de desmistificar o feminismo como uma criação do Ocidente e, assim, como uma ameaça à sociedade e cultura locais (BADRAN, 2009).

A busca por um sentido islâmico para as questões de gênero

Concebido muito antes de sua própria conceituação, pode-se constatar que, no Egito, o movimento feminista tenha despontado, a princípio, como uma consciência imbuída de um senso de conexão e coletividade, derivada diretamente das experiências extraídas de suas próprias fundadoras e interessadas – as "estudiosas-ativistas", como preferiram ser chamadas, ao menos inicialmente, aquelas que simpatizavam com o pensamento feminista islâmico. No encalço do percurso nomeador, muitas mulheres pró-feministas acabaram esquivando-se do rótulo feminista por considerá-lo limitador ou por suas associações com o Ocidente, o que o desclassificaria como um movimento legítimo da *umma*, restando, assim, diversos entraves em relação ao ato da rotulação feminista.

Nessa seara, emerge nos anos 1990 no Egito, o ativismo de gênero que captura os modos de comportamento e de pensamento "feministas" gerais das mulheres nas esferas públicas, sem recusar a realidade de diferentes movimentos islâmicos e feministas e a experiência individual de mulheres desvinculadas destes rótulos – as pró-feministas (BADRAN, 2009, p. 142). Ultrapassando as fronteiras ideológicas do feminismo político articulado com o Islamismo, as ativistas de gênero ressaltam a fluidez do pensamento e práticas feministas, de modo a rechaçar as ideias colonialistas que ainda ressoam de que o feminismo estaria além da capacidade dos muçulmanos (BADRAN, 2005, p. 15).

Por outro ângulo, postulantes do ativismo de gênero também defendem que reivindicar um projeto e uma identidade feminista islâmica seria situar-se fora dos paradigmas islâmicos. Asma Barlas, professora e escritora paquistano-americana, reitera que impor uma marca de identidade feminista sobre as mulheres muçulmanas seria contraproducente, uma vez que, se estas já exerciam o *ijtihad* antes da concepção do termo feminista, o mapeamento deste seria realizado pelo

resgate do Alcorão e, por conseguinte, tal prática deveria ser nomeada como islâmica e não feminista. Assim sendo, se transforma-se o mundo ao nomeá-lo, por certo, optar por chamar algo de feminista ou islâmico imporia obstáculos intransponíveis à geração de outras possibilidades de criação da realidade e, com isso, encravar o que é o feminismo islâmico seria fechar a possibilidade de enxergá-lo como qualquer outro elemento.

Badran, em contrapartida, rebate que o ato de nomeação não seria algo limitador, mas uma maneira de definir os pensamentos e práticas dos sujeitos envolvidos. Como historiadora, a preocupação da autora sempre acaba prevalecendo sobre os precedentes das definições, o que a faz tratar tal projeto de modo a se pautar em uma forma singular de consciência sagrada que realça a justiça e os direitos de todos os seres humanos (*insan*), ratificando a igualdade e unidade de toda vida humana, sem distinção de gênero e nação. Badran, assim, proporciona um caminho prático-discursivo convidativo ao dessecularizar o projeto de emancipação das mulheres, desmantelando, além disso, uma visão monolítica que preza pelas fronteiras que separam o feminismo do Islã. Dificilmente admitidos como fluindo para dentro e para fora um do outro, ela argumenta que tanto os feminismos seculares são islâmicos quanto o feminismo islâmico é secular, uma vez que o Islã se integra à religião e ao mundo e, desse modo, creditar ao Ocidente a existência do feminismo seria meramente corroborar com o apagamento dos papéis desempenhados pelas mulheres muçulmanas e não-ocidentais na construção do terreno epistêmico feminista (BADRAN, 2005, p. 12).

Conclusões

A atenção à história dada por Badran comprova que o feminismo não foi uma construção unicamente ocidental nem monolítica. Em sua forma mais substancial, o feminismo é uma crítica à subordinação das mulheres e uma afronta

à dominação masculina, sendo originado simultaneamente em partes do Oriente e do Ocidente. Entretanto, diferente de reforçar uma complementaridade funcional de gênero na esfera pública, conservando a lógica do modelo patriarcal, o feminismo islâmico inova ao se apresentar como um discurso e prática que deriva sua missão e entendimento dos textos sagrados e que busca justiça dentro da noção do Alcorão de igualdade entre homens e mulheres na totalidade de sua existência ao longo de um continuum público-privado mais fluido (BADRAN, 2009, p. 324). Isto posto, traçar divisas no espaço e determinar uma esfera pública e outra privada, ou um espaço feminino e outro masculino, nada mais é do que uma construção social produto de seu tempo, lugar e classe, não sendo condizente com os preceitos do Islã.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. Do Muslim Women Really Need Saving? Anthropological Reflections on Cultural Relativism and Its Others. **American Anthropologist**, v. 104, n. 3, 2002, pp. 783–790.

BADRAN, Margot. Between secular and Islamic feminism/s: reflections on the Middle East and beyond. **Journal of Middle East women's studies**, v. 1, n. 1, p. 6-28, 2005.

_____. **Feminism in Islam:** secular and religious convergences. Oxford: Oneworld, 2009.

_____. (Re) posicionando o feminismo islâmico. **Acervo**, v. 33, n. 2, p. 69-94, 2020.

BARLAS, Asma. Engaging Islamic Feminism: Provincializing Feminism as a Master Narrative. *In:* KYNSILEHTO, Anitta (org.). **Islamic feminism:** current perspectives. Finlândia: Tampere Peace Research Institute, v. 96, p. 15-23, 2008.

VIEIRA, Maria Eduarda Antonino. Religião, feminismo e islã: perspectivas do feminismo islâmico. **Mandrágora**, v. 24, n. 2, 2018, p. 5-38. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v24n2p5-38>. Disponível em:

<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/MA/article/view/9034>. Acesso em: 30 out. 2022.